

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 46 - Julho / Agosto 2026



"Pinheiro" de Bruno Lechowski



CASA DA CULTURA
POLÔNIA
BRASIL



Bruno Bronisław Lechowski (1887-1941)

Fonte da imagem: <https://www.guiadasartes.com.br/>

Bruno Lechowski

A obra que estampa esta edição do TAK! é o quadro "Pinheiro", realizado na década de 1920 pelo artista polonês radicado no Brasil, **Bruno Lechowski** (Varsóvia, 1887 - Rio de Janeiro, 1941).

Utilizando a técnica de óleo sobre madeira nas dimensões 45 x 55 cm, esta obra retrata a icônica Araucária (*Pinheiro-do-Paraná*), elemento central e símbolo máximo da paisagem da região sul do país. O estilo carrega fortes influências do pós-impressionismo e do expressionismo europeu.

O artista utiliza pinceladas empastadas, curtas e vigorosas que criam

uma textura marcante na tela, técnica que remete diretamente à estética de pintores como Vincent van Gogh. O forte contraste entre o azul vibrante do céu pontuado por nuvens alongadas e o amarelo do campo enfatiza a luminosidade e a atmosfera única da natureza brasileira sob a ótica moderna do pintor.

Bruno Lechowski passou por Curitiba por volta de 1926 e 1927. A chegada dele causou um impacto imenso na cena artística local, que ainda era acadêmica e tradicional. A crítica da época descreveu a sua passagem como "mágica", pois ele trouxe pro-

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 46 - Julho / Agosto 2026

Editora: Izabel Liviski

Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini

Correspondente Internacional: Everly Giller

Revisão: Mariano Kawka

Assistente de Revisão: Mari Inês Piekas

Consultoria: Marek Makowski

Capa: Bruno Lechowski

REALIZAÇÃO:

Casa da Cultura Polônia-Brasil

APOIO:

Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba



Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas.

Contato:

takpoloniabrasil@gmail.com

Os editores do TAK! não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos e artigos publicados, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).



EDITORIAL

Nesta edição o TAK! percorre diferentes caminhos entre a Polônia e o Brasil. Alguns são concretos, como os trilhos das ferrovias que ajudaram a aproximar territórios e registraram a participação de engenheiros poloneses na construção da infraestrutura brasileira. Outros atravessam o tempo, a memória e as histórias familiares.

As comemorações dos 200 anos da ferrovia no mundo e do centenário da ferrovia estatal polonesa, realizadas em Curitiba, recuperam parte dessa história e revelam como os deslocamentos também produzem encontros, intercâmbios e novas paisagens.

O turismo é outro caminho desta edição. Em workshop realizado na capital paranaense, representantes do setor polonês apresentaram destinos e possibilidades de roteiros ao mercado brasileiro. Para os descendentes de poloneses, porém, uma viagem à Polônia pode ganhar outro significado: além de conhecer um país, pode representar um reencontro com a história familiar e com referências que atravessaram gerações.

A transmissão dessas referências aparece também nas artes tradicionais. Em Curitiba, um workshop de bordado polonês reuniu jovens designers, artesãs experientes e descendentes de imigrantes interessados em aprender técnicas de *Kaszuby* e *Kurpie*. Entre linhas, cores e pontos, uma tradição deixa de ser apenas memória e volta a ser prática.

Há histórias que exigem uma viagem ainda mais longa: aquela feita em busca de vestígios. É o caso de Piotr Lechowski, que há anos pesquisa a trajetória do artista Bruno Lechowski, nascido na Polônia e radicado no Brasil. Arquivos, catálogos e documentos encontrados nos dois países ajudam a reconstruir a trajetória de um artista cuja presença acabou se tornando menos conhecida na memória coletiva polonesa.

Também atravessamos a trajetória de Felícia Leirner, nascida em Varsóvia e transformada, no Brasil, em uma das importantes escultoras de sua geração. Sua história reúne migração, reinvenção e criação artística: três movimentos que ajudam a compreender como identidades culturais também se transformam quando atravessam fronteiras.

Nesta edição, portanto, viajar não significa apenas mudar de lugar. Significa revisitar histórias, reencontrar pessoas, recuperar memórias e descobrir como tradições continuam circulando entre gerações. Da ferrovia ao bordado, do turismo à arte, dos arquivos às lembranças familiares, o TAK! acompanha algumas dessas travessias e os vínculos que elas continuam produzindo entre a Polônia e o Brasil.

Boa leitura e boa viagem! *Milej lektury i udanej podróży przez strony!*

Izabel LIVISKI
Editora.

 NOSSA CAPA - NASZA OKŁADKA

postas consideradas revolucionárias no uso das cores puras e na liberdade de interpretar a natureza.

Historiadores da arte apontam que Lechowski foi uma das principais influências para o nascimento do pré-expressionismo paranaense. Ele quebrou o padrão das paisagens fotográficas e abriu caminho para que artistas locais experimentassem telas muito mais viscerais, emocionais.

Embora o "Paranismo" tenha sido idealizado por artistas locais como João Turin, João Baptista Groff e Frederico Lange de Morretes, Lechowski se apaixonou pelo maior símbolo da região: a araucária. Sua visão moderna do pinheiro dialoga diretamente com as obras de grandes nomes do estado, como Miguel Bakun e Guido Viaro, que também pintaram a árvore com distorções expressivas e pinceladas carregadas.

(Da Redação)

 CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

Uma celebração da cultura, da história ferroviária e da amizade entre a Polônia e o Brasil

O Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba promoveu uma série de atividades relacionadas à comemoração dos duzentos anos da ferrovia no mundo e do centenário da ferrovia estatal polonesa (PKP). Entre as atividades, foi exibido o filme *Pociąg (Trem)*, de Jerzy Kawalerowicz, lançado em 1959, nas capitais Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

No dia 26 de junho, às 20h, o ponto culminante das comemorações foi na Serra Verde Express - Praça das Nações Ferroviárias, anexo à Estação Ferroviária de Curitiba. Os convidados puderam embarcar em uma viagem pela história da construção das ferrovias no Brasil, especialmente nas regiões Sudeste e Sul, e conhecer a contribuição dos engenheiros poloneses por meio da exposição da **Casa da Cultura Polônia-Brasil "Como um polonês construiu ferrovias no Brasil"**, dedicada à família Wierzbowski.

O evento contou com o discurso do cônsul-geral da Polônia, Sr. Wojciech Baczyński, que falou sobre a história das ferrovias e sua experiência com a malha ferroviária polonesa, além da fala da Sra. Ivana Spir, Diretora Institucional e Jurídica do Grupo Serra Verde Express.

Entre os convidados ilustres estavam a vice-cônsul da Polônia, Dorota Ortyńska; André Bandeira, CC, vice-cônsul de Portugal; Eduardo Alfredo Leone, cônsul-geral da Argentina; embaixador Celso Riquelme, cônsul do Paraguai; cônsul do Japão, Sr. Keiko Kikushi; Darci Piana,

Vice-governador do estado Paraná, Marcelo Guimarães, presidente do Corpo Consular; Marino Galvão Junior, da Fundação Cultural; Rafael Stec Toledo, diretor-presidente da Fundação Sanepar; além de representantes da comunidade polonesa.

Durante o evento, os convidados puderam aprofundar seus conhecimentos sobre a influência polonesa na ferrovia brasileira por meio de uma publicação especialmente preparada para a ocasião pelo Sr. Ismael Gryzinski. A obra apresenta o perfil biográfico dos engenheiros poloneses Aleksander Brodowski, Bronisław Rymkiewicz, Edmund Sebastian Woś-Saporski, Franciszek Saryusz-Wolski, Jan Wierzbowski, Ludwik Celewicz, Maurycy Schwartz, Stanisław Cebulski e Teofil Witold Wierzbowski, além do médico Jan Czyż, lembrado como o guardião da saúde dos homens que construíram a infraestrutura ferroviária paranaense.

Os participantes também tiveram a oportunidade de conhecer alguns dos vagões históricos da Serra Verde Express, entre eles o Vagão Imperial, pertencente à Classe Boutique, cuja decoração interna remete aos anos 1930. Além disso, degustaram pratos típicos da gastronomia polonesa, como **zapiekanka**, **pierogi**, **naleśniki** e bolo de maçã, e prestigiaram apresentações do Grupo Folclórico Junak e o concerto da Orzeł Orkiestra.

Regiane Maria CZERVINSKI

Consuldo-Geral da República da Polônia em Curitiba-PR



Grupo Junak, Darci Piana, governador em exercício do Estado do Paraná, Dorota Ortyńska, vice-cônsul da Polônia e Wojciech Baczyński, cônsul-geral da Polônia.

Foto: Acervo Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba.

Workshop de Turismo aproxima mercado brasileiro dos destinos poloneses



Representantes do Consulado-Geral da Polônia e agentes de turismo poloneses.

Curitiba sediou, no dia 29 de julho, o *Poland Tourism Workshop*, iniciativa promovida pelo Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba em parceria com a Casa da Cultura Polônia-Brasil. Voltado exclusivamente a profissionais do setor de turismo, o encontro reuniu representantes de instituições e operadoras polonesas, interessados em ampliar a presença da Polônia no mercado brasileiro, especialmente na Região Sul.

A programação teve início com a abertura oficial realizada pelo Consulado-Geral da República da

Polônia e pela Casa da Cultura Polônia-Brasil, seguida de uma apresentação sobre o potencial turístico do país. Ao longo da tarde, os participantes conheceram alguns dos principais destinos poloneses, entre eles Varsóvia, Cracóvia, a região da Małopolska, a histórica Mina de Sal de Wieliczka, Poznań, Gdańsk, Lublin e Wrocław, além das possibilidades de roteiros organizados por operadoras especializadas.

Além das apresentações institucionais, o workshop promoveu reuniões de negócios (B2B) entre representantes poloneses e agentes

de viagens brasileiros, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de novas parcerias comerciais, intercâmbio de experiências e elaboração de produtos voltados ao turismo cultural e de origem.

Um dos aspectos destacados durante o encontro foi o crescimento do turismo internacional na Polônia. Em 2025, o país recebeu cerca de 21,4 milhões de visitantes estrangeiros, registrando um aumento de 12,1% em relação ao ano anterior. Entre os mercados de longa distância, o Brasil figurou entre aqueles com maior crescimento no número de visitantes, evidenciando o interesse crescente dos brasileiros pelo destino.

Os organizadores também ressaltaram o potencial representado pela expressiva comunidade de descendentes de poloneses no Brasil, especialmente nos estados do Paraná e de Santa Catarina. Para esse público, as viagens à Polônia frequentemente ultrapassam o turismo convencional, envolvendo o reencontro com a história familiar, a pesquisa genealógica e a valorização da identidade cultural.

Outro diferencial apresentado foi a diversidade da oferta turística polonesa. O país reúne patrimônio histórico reconhecido



Público presente ao evento, assiste à apresentação das belezas naturais e arquitetônicas da Polônia.

 CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

internacionalmente, centros urbanos contemporâneos, turismo religioso, natureza, gastronomia, experiências culturais e roteiros ligados à memória europeia, permitindo atender a diferentes perfis de viajantes.

Após as apresentações, os participantes puderam degustar especialidades da culinária polonesa enquanto davam continuidade às reuniões

de negócios em formato de mesas de contato. O evento foi encerrado com o sorteio de brindes entre os profissionais presentes.

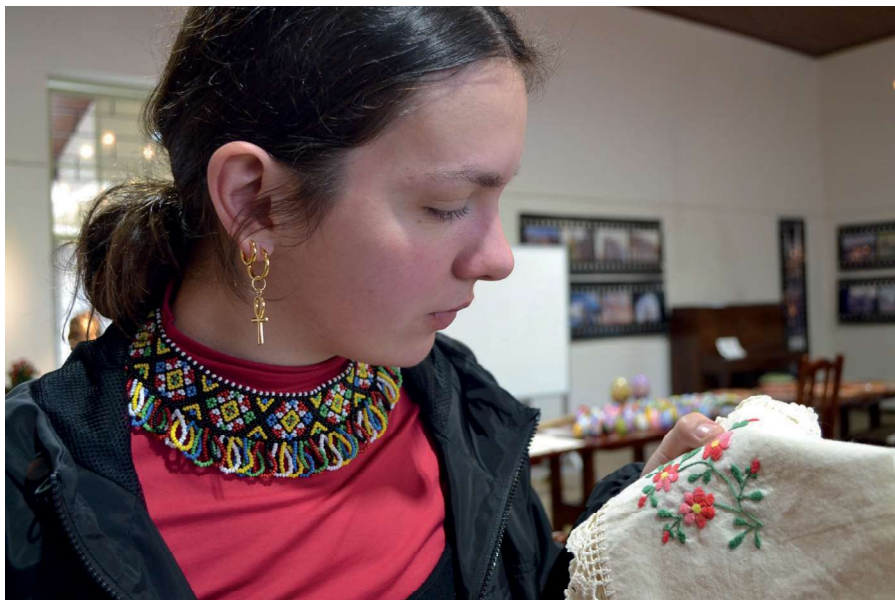
Mais do que apresentar destinos, o *Poland Tourism Workshop* consolidou-se como uma importante plataforma de aproximação entre operadores turísticos brasileiros e parceiros poloneses. A iniciativa reforça a estratégia de ampliar

a presença da Polônia no mercado brasileiro e evidencia o fortalecimento das relações culturais, econômicas e turísticas entre os dois países, abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento do turismo entre Brasil e Europa Central.

Texto e Fotos:
Izabel LIVISKI (da redação)

 CASA DA CULTURA POLÔNIA-BRASIL

“A mão que ensina e a mão que aprende”: A arte do bordado polonês une gerações em Curitiba



Aluna da oficina observa os bordados poloneses.



Josi Baczynski e a professora Kariane Modelski.

Nos dias 25 e 26 de julho, a sede da Casa da Cultura Polônia-Brasil, localizada no centro de Curitiba, sediou uma imersão cultural inédita voltada à preservação e ao ensino das artes tradicionais polonesas. Sob a orientação da professora Kariane Modelski, renomada especialista e referência nacional na salvaguarda do artesanato eslavo, o workshop reuniu turmas completas no sábado e no domingo, atraindo participantes interessados em conhecer os segredos dos bordados tradicionais das regiões de Kaszuby e Kurpie.

O perfil do público refletiu o caráter agregador da comunidade e da própria instituição. A sala de aula reuniu jovens designers, artesãs experientes e descendentes de imigrantes que buscavam reencontrar, por meio da prática artesanal, as tradições de seus pais e avós. A cada ponto executado, consolidava-se a dinâmica própria do patrimônio cultural imaterial: a mão que ensina encontra a mão que aprende, em um ambiente marcado pela troca de memórias familiares, pela concentração e pelo entusiasmo coletivo.

Tecnicamente, os participantes foram desafiados a respeitar regras históricas de execução preservadas ao longo de séculos. O grande destaque pedagógico da oficina foi o bordado da Cassúbia (Kaszuby), reconhecido pelo uso obrigatório de quatro tonalidades específicas de azul. Conforme explicou Kariane Modelski, essas cores não possuem apenas função



Grupo de participantes da oficina, com a professora Kariane Modelski ao centro.

estética: representam as diferentes profundidades das águas do Mar Báltico. A cartela cromática segue uma simbologia rigorosa, ao mesmo tempo em que estimula a sensibilidade artística e a reflexão sobre a tradição visual dessa região da Polônia.

A experiência ultrapassou o aprendizado técnico e despertou lembranças afetivas em muitos participantes. Para Josi Baczynski, a oficina significou também um reencontro com a própria trajetória de vida:

"Participei de um encontro memorável com a artesã Kariane Modelski, no qual pude reviver memórias afetivas dos onze anos vividos em terras polonesas. Durante o evento, conheci o significado dos bordados das regiões da Cassúbia (Kaszuby) e de Kurpie, compreendendo o simbolismo de cada cor, as técnicas aplicadas e as histórias contadas por trás de cada ponto. Em 2022, tive o privilégio de conhecer a região da Cassúbia, berço dessa tradição.

Neste encontro, a cada ponto bordado, pude recordar a beleza e a magia daquele lugar. Mais do que uma aula, foi uma experiência terapêutica e de enriquecimento

cultural, proporcionando um contato profundo com tradições ancestrais da cultura polonesa e despertando sensações de acolhimento, pertencimento e recordações familiares, compartilhadas entre todos os participantes. Agradeço à artesã Kariane Modelski pela generosidade em compartilhar seu conhecimento e por dedicar-se a manter viva essa arte polonesa tão significativa, transmitida de geração em geração."

A oficina contou com o apoio do Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba e da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko. O sucesso da iniciativa reafirma o interesse do público paranaense por ações voltadas à preservação do patrimônio cultural polonês e demonstra como o ensino das artes tradicionais permanece um instrumento de fortalecimento da identidade e da memória coletiva. Os registros fotográficos do evento eternizam o surgimento de novas guardiãs e novos guardiões dessa arte centenária em solo brasileiro.

Texto e Fotos:
Izabel LIVISKI (da redação)

A força da literatura polono-paranaense celebra a identidade e a memória no Festival da Palavra

No mês de agosto ainda, a Casa da Cultura Polônia-Brasil consolidou seu papel de destaque na cena cultural local ao sediar uma mesa-redonda especial integrada à programação do Festival da Palavra, em Curitiba. O encontro reuniu renomados expoentes da Literatura Polônica e Paranaense, promovendo um diálogo profundo sobre história, ancestralidade e a permanência das manifestações artísticas transfronteiriças.

O debate foi intermediado pelo escritor e historiador Ulisses Iarochoński, que conduziu as reflexões ao lado de um painel de convidados ilustres: Cláudio Boczon, Márcia Széliga, Antônio Thadeu Wojciechowski e Adélia

Woellner. A presença de Wojciechowski e Woellner trouxe ainda mais prestígio à ocasião, dado que ambos são membros imortais da prestigiosa Academia Paranaense de Letras (APL), simbolizando o forte elo entre as raízes polonesas e a alta literatura produzida no Paraná.

Um dos momentos mais marcantes da jornada ocorreu durante a intervenção de Ulisses Iarochoński. O historiador apresentou ao público a canção *Jednego Serca* (Um Coração), gravada em 1970 pelo aclamado cantor polonês Czesław Niemen. A composição musical possui um lastro histórico profundo: sua letra foi baseada no poema homônimo escrito por Adam Asnyk em 1869.



Márcia Széliga, artista participante da mesa redonda e expositora.

A escolha da obra funcionou como um poderoso resgate geopolítico. O poema de Asnyk nasceu em uma época em que a Polônia enfrentava um dos períodos mais sombrios de sua trajetória, encontrando-se

tripartida e sob o domínio dos impérios da Rússia, da Prússia e da Áustria-Hungria. A análise da obra evidenciou aos presentes a histórica determinação do povo polonês em utilizar a arte e a linguagem como ferramentas fundamentais para a salvaguarda de sua identidade nacional, mesmo diante de severas tentativas de apagamento cultural.

Além dos debates literários, o público que compareceu ao Festival pôde desfrutar de uma rica experiência visual. O espaço foi enriquecido com a exposição de gravuras de Mari Inês Piekas, de Márcia Széliga e uma mostra fotográfica da Polônia de autoria de Izabel Liviski. As obras plásticas e os registros fotográficos dialogaram diretamente com os temas discutidos na mesa, materializando paisagens, expressões e a própria essência da herança cultural polonesa.

Conexão com o Público e Difusão Literária

Ao final das apresentações, debates e mostras artísticas, o evento abriu espaço para a interatividade direta com a plateia. Os espectadores puderam dialogar com os autores, compartilhar impressões e adquirir as obras literárias exibidas ao longo do encontro, fomentando a circulação da literatura paranaense de matriz polonesa e estreitando os laços comunitários e de leitura.

Lucas JEZIOROWSKI BARBOSA

Licenciando em História pela PUCPR

Fotos: *Lula Araújo*



Artistas que conduziram a mesa redonda: Claudio Boczon, Antônio Thadeu Wojciechowski, Márcia Széliga, Adélia Maria Woellner e Ulisses Iarochinski.

Casa da Cultura Polônia-Brasil celebra aniversário



Discurso da nova presidente Aleksandra Bartsch Cabrita no aniversário da CCPB.

No dia 1º de agosto, a Casa da Cultura Polônia-Brasil (CCPB) celebrou mais um aniversário de fundação. Sediada na histórica Rua Ébano Pereira, 502, no Centro de Curitiba, a instituição consolida-se como um dos pilares mais importantes para a manutenção da identidade polônica no Paraná, estado que abriga a maior comunidade de descendentes de poloneses no Brasil.

Fundada com o objetivo de aproximar o público da riqueza histórica do país europeu, a Casa da Cultura Polônia-Brasil funciona em estreita parceria e no mesmo endereço da tradicional Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko. A união desses dois blocos institucionais cria um ecossistema vivo de preservação.

Ao longo de sua trajetória, a Casa destaca-se pela oferta regular de cursos extensivos e intensivos do idioma polonês, oficinas de artes tradicionais, como as famosas colagens decorativas (*wycinanki*), além de palestras sobre arte, cultura, sessões de filmes e teatro, exposições e concertos de música.

Mais do que olhar para a história dos pioneiros que chegaram ao estado há mais de um século, a instituição foca na contemporaneidade e no engajamento das novas gerações. Exemplo disso são as turmas infanto-juvenis de idioma online e presencial, que garantem que a língua dos antepassados continue

ecoando nos lares curitibanos.

O aniversário da instituição em agosto coincide com um período movimentado para o calendário da comunidade no país, que anualmente promove festividades tradicionais, celebrações religiosas e encontros gastronômicos coordenados junto ao Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba.

Como marco definitivo dessas celebrações e do resgate de sua própria memória, a Casa inaugurou oficialmente em seu espaço a Galeria de Fotos dos Presidentes, prestando

uma justa homenagem às lideranças que pavimentaram o caminho da instituição ao longo dos anos. A programação festiva contou ainda com a emocionante apresentação do Coral São João Paulo II e com uma palestra especial ministrada pelo Prof. Dr. Dennison de Oliveira, abordando o episódio significativo do Levante de Varsóvia, que justamente começou no dia 1º de agosto de 1944.

Com as portas abertas para toda a comunidade, a CCPB reforça o seu papel de vanguarda na difusão cultural. À frente desse novo capítulo, a presidente Aleksandra Śliwowska Bartsch Cabrita ressalta o sentido de conectar o legado histórico ao trabalho da nova equipe diretiva:

"Celebrar este aniversário olhando para o passado com gratidão e para o futuro com inovação, nos enche de orgulho. A inauguração da galeria de fotos immortaliza os que nos antecederam, enquanto a energia e o compromisso da nossa nova equipe empossada garantem que a chama da cultura polonesa permaneça viva, dinâmica e pronta para inspirar as próximas gerações."

Izabel LIVISKI

Professora e Fotógrafa. Editora do TAK! Agenda Cultural Polônia Brasil e Coeditora da Revista ContemporArtes (UFABC-São Paulo).

Fotos: **Lula Araújo**



Schirlei Mari Freder, Aleksandra Bartsch Cabrita, João Carlos Cwiklinski, Marli Jeanne Wor, na inauguração da galeria de fotos dos presidentes da instituição.

82 anos do início do Levante de Varsóvia: 1º de agosto de 1944 – 1º de agosto de 2026*

Em 1º de agosto de 1944, a resistência polonesa iniciou uma das mais dramáticas insurreições da Segunda Guerra Mundial: o Levante de Varsóvia. Liderado pelo Exército Nacional Polonês (Armia Krajowa – AK), subordinado ao governo polonês exilado em Londres, o movimento tinha como objetivo libertar Varsóvia da ocupação alemã antes da chegada das tropas soviéticas. A insurreição durou 63 dias, até 2 de outubro, e terminou com a derrota da resistência.

O levante ocorreu em um momento particularmente complexo da guerra. Embora militarmente dirigido contra a ocupação nazista, possuía também uma dimensão política decisiva: os combatentes poloneses pretendiam afirmar a soberania do país diante do avanço do Exército Vermelho e evitar que o futuro da Polônia fosse determinado exclusivamente pela União Soviética. O cálculo, entretanto, revelou-se trágico. A resistência superestimou a possibilidade de apoio soviético e anglo-americano, enquanto as forças alemãs mantiveram significativa superioridade em armamentos, tropas e recursos.

As consequências foram devastadoras. Estima-se que cerca de 15 mil combatentes da resistência tenham morrido e que as perdas civis tenham alcançado entre 150 mil e 200 mil pessoas. Ao final do conflito, aproximadamente 700 mil habitantes foram expulsos de Varsóvia. A cidade sofreu destruição em larga escala. Milhares de sobreviventes civis foram trasladados e forçados a trabalhar na Alemanha nazista ou em campos de concentração, enquanto os soldados foram enviados para campos de prisioneiros.

A dimensão política do episódio tornou sua memória particularmente problemática no período posterior à guerra. Sob o regime comunista, homenagens aos combatentes do AK foram restringidas durante décadas, uma vez que a resistência estava vinculada ao governo polonês no exílio que se opunha ao comunismo e à dominação dos russos na Polônia. A memória do levante começou a ganhar espaço público somente mais tarde.

Em 1981 foi inaugurado o monumento Mały Powstaniec (Pequeno Insurrecionista), dedicado às crianças que participaram da resistência, e em 1989 foi erguido o Monumento do Levante de Varsóvia. A partir da redemocratização polonesa, a memória do Levante tornou-se elemento importante da identidade histórica nacional.

O dia 1º de agosto passou a ser marcado por cerimônias públicas e, às 17 horas, conhecida como a “Hora W”, Varsóvia interrompe suas atividades para um minuto de silêncio em homenagem aos mortos e sobreviventes da insurreição. O episódio permanece, contudo, uma memória complexa.

Existem historiadores que, sem ferir a memória heróica dos soldados do levante, questionam as decisões políticas que levaram a resistência polonesa a agir naquele momento. A Polônia, além do enorme número de vítimas civis, perdeu a elite do exército clandestino, que poderia ao final da guerra dificultar a instalação do regime soviético.

O Levante provocou enormes perdas ao patrimônio cultural de Varsóvia mas também deixou um importante legado. Entre as obras que contribuíram para sua permanência no imaginário polonês está o filme “Kanał” (1957), de Andrzej Wajda, que retrata a resistência dos insurgentes nos últimos momentos da revolta.

A produção cinematográfica, literária e artística transformou a experiência de Varsóvia em objeto permanente de memória e reflexão. Oitenta e dois anos depois, o Levante de Varsóvia permanece, portanto, mais do que um episódio militar da Segunda Guerra Mundial.

Sua lembrança envolve questões de soberania, resistência, ocupação, memória histórica e disputas políticas que atravessaram e continuam atravessando a história da Polônia. Recordá-lo significa também compreender como uma sociedade elabora as marcas de uma guerra, de uma ocupação e de uma longa disputa sobre o direito de narrar o próprio passado.

*Texto baseado em palestra realizada por ocasião do aniversário da CCPB pelo Prof. Dr. Dennison de Oliveira, professor sênior do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFPR.



Prof. Dr. Dennison de Oliveira em palestra na CCPB. Foto: Lula Araújo

Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko celebra 136 anos e elege nova Diretoria

No dia 15 de junho, a Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko comemorou seus 136 anos de fundação, reafirmando sua posição como a mais antiga sociedade polonesa em atividade na América Latina. Fundada em 1890, em Curitiba (PR), a instituição atravessou mais de um século preservando a memória, a cultura e as tradições da imigração polonesa no Brasil, consolidando-se como uma das principais referências da comunidade polono-brasileira.

Durante as comemorações também foi realizada a Assembleia Geral para a eleição da Diretoria que conduzirá a Sociedade no biênio 2026–2028. A Diretoria será composta por:

Presidente: Denise Sielski

Vice-Presidente: Thiago Augusto S. Marquardt

1º Secretário: José Rendak

2º Secretário: Luciano Wiacek

Diretor Financeiro: Marcos Marquardt

Vice-Diretora Financeira: Beatriz Benetti

Diretor de Patrimônio: Elio Moacir Dembiski

Diretor Cultural: Thiago Corrêa de Freitas

Vice-Diretora Cultural: Denise Cristina Wendt

Diretora Social: Eloisa Sielski Schwabe

Diretora de Relações Públicas: Emanuelli Saporski Santi

Conselho Fiscal

• 1º Conselheiro: Luciano Wiacek

• 2º Conselheiro: Daniel Benetti

• 3ª Conselheira: Julia S. Schwabe

A nova Diretoria assume também o compromisso de dar continuidade ao trabalho desenvolvido ao longo das últimas décadas, mantendo vivos os princípios que orientam a Sociedade desde sua fundação: a valorização da herança cultural polonesa, o fortalecimento dos laços comunitários e a preservação de um patrimônio histórico construído por sucessivas gerações de imigrantes e seus descendentes.

Um aspecto significativo desta nova gestão é a presença de descendentes dos próprios fundadores e de integrantes de diretorias anteriores. Essa continuidade evidencia a transmissão intergeracional de um legado que ultrapassa a administração da entidade, constituindo um compromisso coletivo com a preservação da identidade, da memória e das tradições da comunidade polono-brasileira.

Ao celebrar seus 136 anos de existência, a Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko reafirma seu papel como espaço de encontro, cultura e pertencimento, mantendo viva uma história iniciada pelos primeiros imigrantes e projetada para as futuras gerações.

Emanuelli SAPORSKI SANTI

Advogada, administradora, pesquisadora e genealogista.



Integrantes da nova diretoria da Sociedade Polono-Brasileira TK.

Foto: Emanuelli S.Santi

Entrevista com Piotr Lechowski: entre dois continentes e um século de distância

Em 31 de dezembro de 1925, um jovem artista polonês deixou Varsóvia para realizar uma aventura que parecia impossível. Bruno Lechowski (originalmente Brunon Bronisław Lechowski) tinha 38 anos quando decidiu percorrer o mundo apostando que conseguiria viajar utilizando exclusivamente a língua polonesa. Em uma época sem internet, sem tradutores automáticos, sem passagens aéreas acessíveis e sem os recursos de comunicação que hoje consideramos indispensáveis, a proposta soava quase como uma provocação.

Mas Bruno não era um homem comum. Pintor, músico, filósofo, marceneiro e viajante incansável, acreditava que a arte poderia aproximar pessoas de diferentes culturas e que a criatividade era capaz de superar barreiras linguísticas e geográficas. Ao longo de sua jornada, atravessou países, navegou oceanos, organizou exposições, conviveu com comunidades da diáspora polonesa e transformou sua própria vida em uma experiência artística.

O destino final dessa aventura foi o Brasil. Aqui encontrou não apenas uma nova pátria, mas também a paisagem que transformaria profundamente sua pintura. As cores intensas, a luz tropical, a vegetação

exuberante e os horizontes abertos marcaram sua obra e contribuíram para sua inserção no ambiente artístico brasileiro. Com o passar dos anos, Bruno tornou-se uma figura respeitada entre artistas modernistas e participou da formação de uma geração que ajudaria a renovar a pintura nacional.

Apesar de sua relevância para a história da arte brasileira, seu nome desapareceu gradualmente da memória coletiva polonesa. Durante décadas, sua trajetória permaneceu dispersa entre arquivos, catálogos de exposições, reportagens antigas e lembranças fragmentadas preservadas por pesquisadores brasileiros.

Cem anos após sua partida da Polônia, outra viagem começou. Não a de Bruno, mas a de Piotr Lechowski, guia turístico e pesquisador que decidiu seguir os passos do artista. O que teve início como uma curiosidade genealógica transformou-se em sete anos de investigação histórica, culminando em uma jornada que o levou da Europa ao Brasil, dos arquivos de museus à busca por um túmulo esquecido no Rio de Janeiro.

Nesta conversa para o Boletim TAK!, Piotr compartilha as descobertas, os encontros e as reflexões que surgiram ao reconstruir a vida de um homem que acreditava que a

arte era a única linguagem verdadeiramente universal.

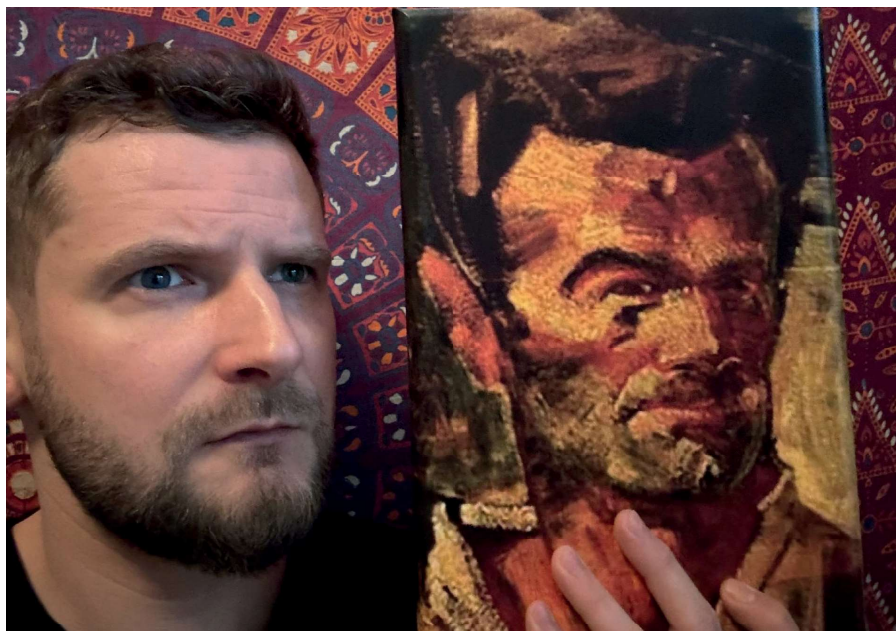
TAK! - Piotr, como começou o seu interesse pela história de Bruno Lechowski? Foi uma história transmitida de geração em geração na família ou você a descobriu por conta própria durante suas pesquisas?

P.L. - Às vezes brinco que todas as boas histórias começam... em um cemitério. Há sete anos, viajei como mochileiro para Israel e, em Jerusalém, procurava o túmulo de Oskar Schindler, o Justo entre as Nações ligado a Cracóvia, cidade de onde venho. Depois de duas horas procurando, finalmente encontrei o túmulo e notei que ao lado havia uma seção com sepulturas militares polonesas — soldados e membros da administração do Governo Polonês no Exílio que, por diferentes razões, chegaram à Palestina durante a guerra.

Para minha surpresa, encontrei ali o túmulo de um tal Jerzy Lechowski, falecido em 1946. Ao voltar para casa, minha mãe escreveu para um tio interessado em genealogia, e ele me enviou uma árvore genealógica da qual constava que esse Jerzy era irmão do meu bisavô. Na mesma árvore aparecia também, como parente muito distante, Bruno — “artista pintor, nascido em Varsóvia em 1887 e falecido no Rio de Janeiro em 1941”. Era tudo o que eu sabia no começo. Fiquei intrigado em saber o que havia acontecido para que a vida levasse um parente até o outro lado do mundo.

TAK! - Qual é exatamente o grau de parentesco que o liga a Bruno? Como foi a continuação da sua saga em busca do artista?

P.L. - Aqui vem a reviravolta. Depois de descobrir Bruno, comeci a procurar informações sobre ele na internet, em arquivos e museus. Aos poucos fui reconstruindo a história de suas viagens. Meu plano era simples: no centenário de sua



Piotr e o autorretrato de Bruno Lechowski. Foto: Acervo Pessoal. Fonte: <https://polskifr.fr/>

 EM DESTAQUE

expedição, visitar exatamente os mesmos lugares que ele visitou. Afinal, nasci quase cem anos depois dele, com apenas alguns meses de diferença.

Para garantir, dois dias antes da viagem contratei uma genealogista para formalizar tudo e fornecer um documento oficial comprovando o parentesco. Após alguns meses de pesquisa, descobriu-se que eu não era parente nem de Bruno nem de Jerzy de Jerusalém. Meu tio os havia incluído na árvore genealógica por engano, devido à coincidência de sobrenomes. Então tive de decidir se abandonava tudo ou seguia em frente. Como já havia investido muito trabalho no projeto, fui mesmo assim. Hoje costumo dizer que temos um parentesco espiritual.

TAK! - Bruno fez uma aposta de que viajaria pelo mundo usando exclusivamente a língua polonesa. Durante suas pesquisas, você encontrou provas de como ele realmente se comunicava em países como o Brasil? Ele conseguiu cumprir essa promessa?

P.L. - Até onde consegui saber, sim. Ele contou com a ampla ajuda da comunidade polonesa espalhada pelo mundo e, também no Brasil, convivia principalmente em círculos da diáspora polonesa. Além disso, desde Cracóvia viajou acompanhado por um pequeno grupo que chegou com ele até o Rio de Janeiro. A aposta não se aplicava a essas pessoas.

Encontrei relatos de que Bruno se comunicava com estrangeiros usando pincéis e gestos. Também é interessante um relatório enviado da embaixada polonesa no Rio ao Ministério das Relações Exteriores da Polônia. O governo polonês ajudava a financiar algumas exposições como parte da “promoção da propaganda polonesa e do combate à propaganda alemã no Brasil”. Em um desses relatórios lê-se que “Bruno não fala muito sobre a Polônia durante as exposições, mas, considerando que fala praticamente apenas polonês, desperta curiosidade e é uma excelente promoção para o nosso país”.

TAK! - Você percorreu a rota que Bruno fez há cem anos. Qual dos lugares visitados foi o mais emocionante para você e onde sentiu mais fortemente sua presença?

P.L. - Vou começar pelo fim: o túmulo dele. Esse era o principal objetivo da minha viagem — acender uma vela exatamente cem anos após sua partida de Varsóvia, em 31 de dezembro de 1925, no lugar onde ele repousa. Não consegui cumprir esse objetivo na data exata porque cheguei ao Rio de Janeiro (de navio, como Bruno!) em meados de dezembro de 2025, e a busca pelo túmulo levou... dois meses e meio. O local de seu sepultamento havia sido literalmente esquecido. Embora eu tenha encontrado rapidamente, na imprensa antiga, a informação de que ele estava enterrado no cemitério São João, localizar a lápide foi como procurar uma agulha em um palheiro. Os arquivos do cemitério referentes ao ano de seu enterro não sobreviveram.

Quando finalmente a encontrei, senti um alívio in-

descrevível. Fiquei ali por muito tempo, “conversando” com Bruno, que, por uma coincidência ocorrida em Jerusalém, acabou planejando todo o meu ano de 2025. Sem dúvida, ele mudou a minha vida. Foi o ponto culminante de uma jornada de 14 meses (com interrupções) seguindo seus passos e de sete anos de investigação.

Nada disso teria sido possível sem minha visita a Curitiba, em janeiro e fevereiro de 2026. Eu sabia que o Museu Oscar Niemeyer havia realizado uma exposição sobre Bruno em 1992 e possuía materiais sobre ele. Esperava encontrar ali alguma pista que me levasse ao túmulo desaparecido. Escrevi ao museu e... a magia começou. A direção não apenas me deu acesso a todo o material de arquivo das exposições sobre Bruno — passei seis dias nos depósitos fotografando tudo — como também me colocou em contato com os organizadores dessas mostras.

Christine Vianna Baptista, Luciano Buchmann e Myriam Sbravati, ao saberem que outro Lechowski estava chegando a Curitiba cem anos depois, convidaram-me imediatamente para jantar. Foi uma noite maravilhosa, durante a qual trocamos informações sobre Bruno. Eles conheciam muito melhor sua trajetória brasileira; eu, a polonesa. Posso afirmar sinceramente que somente graças ao conhecimento, à ajuda e ao apoio deles consegui finalmente encontrar o túmulo. Continuamos em contato até hoje, pois minha pesquisa sobre Bruno ainda está longe de terminar.

TAK! - No Brasil, Bruno é uma figura importante do modernismo e está ligado ao movimento Núcleo Bernardelli. Na Polônia, seu papel na formação de grandes pintores brasileiros, como José Pancetti, é conhecido?

P.L. - Infelizmente, Bruno praticamente não existe na Polônia. Encontrei apenas uma de suas obras em um museu — e ainda guardada na reserva técnica. Não há livros nem artigos sobre ele. Procurar informações foi fascinante, mas extremamente difícil. Sem querer, acabei me tornando o único “especialista” sobre Bruno no país. Também não se fala dos artistas brasileiros na Polônia. Da mesma forma, imagino que no Brasil poucas pessoas saibam quem foram Wyspiański ou Mehoffer, artistas da mesma época de Pancetti.

TAK! - Como você descreveria a transformação da arte de Bruno Lechowski? Você acredita que a luz e as cores do Brasil influenciaram sua pintura em comparação com o período europeu?

P.L. - Não sou artista, então vou me apoiar no conhecimento dos amigos que mencionei anteriormente. Christine, Luciano e Myriam estudam sua obra sob a perspectiva artística; eu a abordo mais pelo lado histórico. Sim, a arte de Bruno mudou no Brasil. Ainda na Polônia, suas pinturas eram muito mais sombrias, com temas fantásticos. Mostravam coisas que não se podiam encontrar na realidade polonesa. Estamos falando do período após a Primeira Guerra Mundial, quando a Europa ainda não havia se recuperado completamente.

★ EM DESTAQUE



Museu Oscar Niemeyer, referência nacional e internacional, abriga a maior coleção de obras de Bruno Lechowski.
Foto: Carlos Renato Fernandes. Fonte da imagem: <https://www.cidadeecultura.com/>.

Depois de chegar ao Brasil, sua arte tornou-se menos inquietante. Bruno passou a ser um paisagista. O que viu em seu país o fascinou tanto que já não precisou recorrer a temas fantásticos; bastava-lhe a bela realidade que o cercava.

TAK! - O que você conseguiu descobrir sobre os últimos anos de sua vida no Brasil, especialmente o período em que ele ajudou refugiados poloneses durante a Segunda Guerra Mundial?

P.L. - Sabe-se pouco sobre esse período. Sabemos que, no final da vida, Bruno mudou-se para Campo Grande e, em uma fazenda, começou a acolher refugiados. Dizem que produziam geleia de laranja, mas encontrei poucas fontes que confirmem isso. Bruno nunca foi alguém que acumulasse dinheiro. Por isso, quando morreu, sua família ficou em uma situação financeira muito difícil. Vale lembrar também que ele faleceu apenas um mês após o nascimento de sua segunda filha.

Para ajudar a família, seus amigos (diversos artistas do Rio de Janeiro), organizaram uma exposição póstuma de suas obras, com possibilidade de venda. Tive a grande satisfação de me encontrar com funcionários do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, que me mostraram inclusive o catálogo original publicado para essa exposição.

TAK! - Qual é o principal objetivo de suas pesquisas sobre Bruno Lechowski? Você pretende publicar um livro, produzir um documentário ou organizar uma exposição reunindo acervos e arquivos encontrados na Polônia e no Brasil?

P.L. - Sinceramente, não sei. Assim como, há sete anos, ao entrar no túmulo de outro Lechowski, eu não imaginava que a vida me levaria ao túmulo de Bruno do outro lado do mundo. Reuni uma enorme quantidade de material sobre ele e ainda estou organizando tudo o que trouxe do Brasil. Embora não sejamos parentes, sinto uma ligação com Bruno e considero quase um dever lembrar sua existência ao mundo.

Será que isso vai resultar em um livro? Não sei. Felizmente, agora posso trabalhar nisso com calma e sem prazos rígidos, ao contrário da expedição. Aquela precisava acontecer no centenário da viagem; a data era inegociável. Se eu tivesse ido um ou dois anos depois, já não seria uma história tão boa... E eu, como guia turístico, gosto de boas histórias.

Entrevista concedida a **Everly GILLER** (correspondente internacional em Varsóvia) em julho de 2026.

📅 COTIDIANO

Novo membro da APLJ



Logo da APLJ. Fonte: <https://aplj.com.br/a-academia/>

No dia 25 de agosto, a Academia Paranaense de Letras Jurídicas (APLJ) deu posse ao seu mais novo membro, o juiz federal e professor Dr. **Antônio César Bochenek**. Ele passa a ocupar a cadeira nº 16 da prestigiada instituição. A solenidade ocorreu no auditório da Justiça Federal em Curitiba e foi marcada também pelo lançamento do livro "A história da Justiça Federal do Paraná (1891–2024)", celebrando a memória e a evolução do Judiciário no estado.

📅 CORRESPONDÊNCIA

Boletim Filatélico

Recebemos o Boletim Filatélico de Brusque, em sua 68ª edição, que homenageia os 250 anos da Independência Americana.



Polono-Brazylijskość

*Acomodados na carroça vínhamos da roça
Não como um passeio em Kraków em uma dorożka
De Rynek Główny até o Castelo de Wawel
Era como se viéssemos a bordo de uma nave
Ou de um navio, o München ou o Stuttgart
Da Europa para a América
Deixando um rastro de vapor pela estrada
estreita do Atlântico
Nosso Tata era o Capitão no timão
Sentado no alto da colheita do milho
Com as cordas nas mãos e a soiteira
Chamando os bois, Bonito e Bardoso
Controlava a direção
A Mama amamentava nossa irmã
Entre os trancos e solavancos
Causados pelo terreno acidentado
Atenta a qualquer perigo iminente
Observava como uma vigia
Com olhos de águia, de águia branca*

*Tudo o que acontecia, do alto da gávea
Eu e meu irmão ficávamos sentados
Juntos com o Anjo da Guarda
Na parte traseira, na popa
Onde mais sacolejava
Com duas missões;
A primeira era não cair
A segunda era abrir e fechar o breque
De acordo com as necessidades
Nas subidas ou descidas
Meu irmão era o imediato, eu o aprendiz
Ele já sabia de antemão o que fazer
Sem necessidade das ordens do Capitão
Eu prestava atenção e começava a aprender*

...

(Fragmento de *Carro da Roça*, poema integrante da *Trilogia da Ferraria*)

Samuel KARLINSKI

Poeta, escritor e dentista. Natural de São Domingos do Sul, RS.
Seu primeiro livro infantil será lançado agora, em junho.



Retalhos do Além-mar - A Saga dos Poloneses no Novo Mundo. Exposição Fotográfica, 2009. Fonte: VILANI, Tadeu.

Os recursos que movem uma entidade: capital financeiro e capital humano nas organizações polônicas



Ilustração. Fonte: <https://tratum.com.br/>

Quando falamos em recursos de uma organização, a primeira imagem que vem à mente é o saldo bancário ou o balanço financeiro do exercício. Essa comparação é compreensível, mas reduzir a gestão de recursos ao financeiro é um erro que compromete a sustentabilidade no longo prazo.

As entidades do terceiro setor no Brasil (associações e fundações), incluindo as polônicas, gerenciam um conjunto amplo de capitais — financeiro, humano, social, comunitário, histórico-cultural e simbólico — cada um com sua lógica própria de captação, uso e preservação. Neste artigo abordamos os dois que sustentam o funcionamento cotidiano de qualquer organização: financeiro e humano.

Capital Financeiro: mais do que arrecadar, é preciso planejar

O capital financeiro é composto por todas as fontes de receita da entidade — mensalidades, eventos, aluguéis, doações, patrocínios e recursos públicos — e pelo conjunto de seus ativos patrimoniais. É um recurso que deve ser gerido com integridade e responsabilidade, pois os gestores representam associados e comunidade.

A dependência excessiva de mensalidades e eventos pontuais é um dos padrões mais frágeis do terceiro setor. Uma festividade cancelada ou uma queda na adimplência das anuidades podem desequilibrar o orçamento inteiro. A diversificação de fontes é, portanto, prioridade estratégica: editais do Ministério da Cultura, leis de incentivo como a Lei Rouanet e o PRONAC, recursos de instituições polonesas e parcerias com empresas locais são caminhos concretos a explorar.

Do ponto de vista contábil, a norma ITG 2002 do Conselho Federal de Contabilidade exige que as entidades sem fins lucrativos evidenciem com clareza a origem e a aplicação de todos os recursos. Recomenda-se também a constituição de uma reserva de contingência para cobrir imprevistos sem comprometer a programação cultural. A Reforma Tributária, em implementação progressiva a partir de 2026, acrescenta urgência a esse planejamento: alterações nas regras de imunidade e isenção fiscal para o terceiro setor exigem que os gestores se antecipem e adequem seus controles internos.

Capital Humano: o recurso mais valioso e mais negligenciado

Se o capital financeiro é o combustível, o capital humano é o motor. Uma entidade polônica funciona porque há pessoas dispostas a dedicar tempo e conhecimento à sua missão — diretores, conselheiros, voluntários e colaboradores. A qualidade da gestão depende diretamente dessas pessoas e das condições que a entidade cria para atraí-las, desenvolvê-las e retê-las.

O primeiro desafio é a renovação de lideranças. É comum encontrar entidades onde as mesmas pessoas ocupam os mesmos cargos por décadas, não por falta de dedicação, mas por ausência de processos de sucessão. Quando essas lideranças se afastam, levam consigo o conhecimento acumulado, os contatos e a memória institucional. Um plano de sucessão — ainda que simples — e a documentação dos processos de gestão são medidas básicas de preservação desse capital.

O segundo desafio é o engajamento dos jovens. O desinteresse das novas gerações raramente é pela cultura polonesa em si — é, com frequência, pela falta de espaço real para contribuir. Abrir portas para que jovens proponham projetos e ocupem funções com responsabilidade genuína é uma estratégia tão importante quanto qualquer edital financeiro. Gerir bem o capital humano significa ainda reconhecer o voluntariado como trabalho com valor real: agradecer, formar e criar vínculos são práticas que custam pouco e retornam muito.

Capital financeiro e capital humano são, juntos, a base operacional de qualquer entidade polônica. Um sem o outro é insuficiente: recursos financeiros sem pessoas comprometidas se desperdiçam, e pessoas dedicadas sem recursos financeiros se esgotam.

A gestão responsável desses dois capitais não é tarefa de um único dirigente — é compromisso coletivo de toda a liderança, renovado a cada mandato e a cada novo voluntário que chega. Entidades que investem simultaneamente na saúde financeira e no desenvolvimento das suas pessoas constroem a base mais sólida que existe para a preservação de um legado cultural.

Fico à disposição para saber a opinião de vocês sobre esses temas que tenho desenvolvido neste ano.

Fontes citadas no texto:

FREDER, Schirlei Mari; TRINDADE, R. T. Z. **Organizações Polono-brasileiras: origens, constituição jurídica e planos de sucessão**. Polonicus, v. 13, p. 95-116, 2016.

FREDER, Remy; Freder, Schirlei Mari. **Atores sociais e a polonidade: preocupações com a manutenção da cultura**. Polonicus, v. 14, p. 112-122, 2017.

IBGC. Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. **Código de Melhores Práticas de Governança Corporativa**. 6. ed. São Paulo, SP: IBGC, 2023. 80 p.

ITG 2015. **CFC**. Disponível em <https://cfc.org.br/noticias/itg-2002-cfc-publica-mudancas-na-contabilidade-do-terceiro-setor/>

Schirlei FREDER

Pós-doutoranda, Doutora e Mestre em Gestão Urbana (PUCPR), pesquisadora de assuntos ligados à polonidade no Brasil. É Co-fundadora, ex-Conselheira da Casa da Cultura Polônia-Brasil, onde esteve à frente da presidência no período de 2012 à 2020. É Co-fundadora e atual Conselheira Fiscal na Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec. Coordena o projeto "Polonidade no Brasil: memória e legado" que pode ser acessado em: <https://polonidadenobrasil.org.br/>



Tutuś

Pracując w konsulacie w Kurytybie nigdy nie zabiegałem o to by mieć psa albo kota. Niemniej życie sprawiło, że na terenie urzędu zawsze były i jedne i drugie. Wiele z tych zwierząt stało się ulubieńcami moimi i pracowników. Wśród piesków pierwszym, z którym miałem do czynienia był Czarek. Przekazany został do konsulatu, przez jednego z polonijnych działaczy. Za każdym razem, kiedy jego były właściciel odwiedzał konsulat, a czynił to mniej więcej raz w miesiącu, już na godzinę przed wizytą piesek czekał przy wejściu okazując niebывałą radość. Inny psiak, mój ulubieniec, Łysy, przyniesiony został przez jednego z pracowników jako osierocony, bezdomny i schorowany maleńki szczeniak.

Walczył o życie. Radykalna terapia weterynarza spowodowała, że na wiele miesięcy ołysiał. Leczenie na szczęście pomogło i Łysy przeżył. Jak podrósł stał się, na lata, mądrym i spokojnym, a jednocześnie stanowczym psim liderem i stróżem konsulatu. Przetrwał kilka rotacji konsulów, z których jeden starał się nawet dla niego w ministerstwie o etat żywieniowy. Za moich czasów przez konsulat przewinęły się również: Kika, Lucky, Gucio, Cyganek i Piegus. Choć pieskom nie brakowało niczego to w dniach meczów na pobliskim stadionie Couto Pereira, mocno cierpiały z powodu petard i fajerwerków odpalanych przez piłkarskich fanatyków.

Miło, choć ze smutkiem, wspominać też koty, którymi się opiekowaliśmy. Wszystkie zostały, jako małe

kocięta, wrzucone przez nieznane osoby na teren konsulatu. Przygarnięte przez nas, wyleczone i dobrze karmione zachowywały dużo swobody w poruszaniu się po okolicy. Mur otaczający nieruchomość konsulatu, nie stanowił dla nich przeszkody. Z tego powodu ich życie, choć dostatnie i szczęśliwe, nie trwało długo. Prześliznym mieszańcem kota perskiego, była kotka Ciri, którą zaopiekowało się małżeństwo wicekonsulów.

Gdy urosła, jej bujne białe – szare futro i miłe usposobienie wywoływały zachwyty. Była niekwestionowaną Miss dzielnicy Alto da Gloria. Niestety nie wróciła z jednej z nocnych eskapad. Nie wiemy czy ktoś ją przywłaszczył, czy zginęła. Prawdziwym konsularnym pieszczochem była czarno-biała Mincia. Potrafiła wielokrotnie godzinami towarzyszyć mi w pracy, leżąc cierpliwie na moich kolanach gdy, po godzinach, pisałem raporty i sprawozdania służbowe.

Jej mądre oczy bywały dla mnie inspiracją. Któregoś poranka usłyszałem jej miauczenie za murem, gdzie doczołgała się poraniona, z licznymi obrażeniami wewnętrznymi, złamanym kręgosłupem i nogami. Weterynarz nie zdołał jej uratować. Przeciwnieństwem Minci, jeśli chodzi o usposobienie, był rudy Tutuś. Od małego raczej wolał trzymać się na uboczu i w przeciwieństwie do innych kotów zupełnie nie dbał o higienę. Z tego powodu raczej nie był lubiany. Dla mnie jednak był zabawnym kumplem, który mi ufał i z którym rozmawiałem się bez słów. Nie pozwoliłem

go wykastrować, bo przecież kumpla się nie kastruje. Było to niepoprawne politycznie.

Gdy dorósł stał się wielkim kocim samcem Alfa. Psy się go bały, oczywiście z wyjątkiem Łysego, ale i on dyplomatycznie schodził mu z drogi. Wychodził z domu zawsze o zmroku i wracał około 5 rano, siadał pod oknem sypialni i jednym stanowczym miauknięciem, powodował, że budziłem się i szybko szedłem otworzyć mu drzwi i dać jedzenie. Wracał zawsze poraniony do krwi pazurami innych kotów ale wyraźnie szczęśliwy, jakby uśmiechając się spod kocięgo wąsa, że wciąż w dzielnicy dominuje. Po najedzeniu się wskakiwał na szafę w przedsiönku i spał do późnego popołudnia. Ran nie lizał, zapewne uważał, że ich widok czyni go jeszcze groźniejszym dla rywali i atrakcyjniejszym dla kotek.

Któregoś dnia przechodząc przez przedsiönek zauważyłem, że Tutuś patrzy znużonymi oczami w kierunku swojej miseczki stojącej na podłodze, a tam dwie myszy zjadają jego karmę. Mówię do niego – reaguj, masz problem! Gdy kot na mnie spojrzał z jego oczu wyczytałem odpowiedź: To ty masz problem, ja nie poluję na myszy, mam inne priorytety! Musiałem sam wygonić myszy, a mój koci kumpel nawet mi nie kibicował, odwrócił się i ułożył do snu. Tutuś dożył trzech lat, intensywnych i szczęśliwych. Zginął przed konsulem, wracając z nocnej kocięj balangi, przejechany przez autobus. Na jego cześć, moja aktualna kotka nazywa się Tutusia.

Tutuś

Enquanto trabalhava no consulado em Curitiba, nunca aspirei a ter um cachorro ou um gato. No entanto, a vida fez com que esses bichos sempre estivessem presentes. Muitos deles ganharam toda minha simpatia e da equipe consular. O primeiro cachorro foi Czarek. Ele foi trazido ao consulado por um dos líderes da comunidade polônica. Toda vez que seu antigo dono visitava o consulado - o que acontecia cerca de uma vez por mês, Czarek, uma hora antes da visita, já estava esperando na entrada, demonstran-



Tutuś em seu local favorito, enquanto morador do consulado. Foto do autor.

 MEMÓRIAS DE UM CÔNSUL APOSENTADO

do uma alegria incrível. Meu cachorro favorito, Łysy, foi trazido por um funcionário como um filhote órfão, sem-teto e doente. Nesse momento, ele estava lutando pela vida. Um tratamento veterinário radical o deixou careca por muitos meses.

Felizmente, o tratamento ajudou e Łysy sobreviveu. Conforme foi crescendo, tornou-se, por anos, um líder canino sábio, calmo e, ao mesmo tempo, decisivo. Um bom guardião. Ele sobreviveu a várias trocas de cônsules, um dos quais chegou a pedir ao ministério uma pensão alimentícia para Łysy pelo seu desempenho nos serviços de vigilância do consulado. Nos meus tempos moraram também no imóvel da repartição consular Kika, Lucky, Gucio, Cyganek e Piegus. Embora os cães não tivessem nenhuma carência, nos dias de jogo no estádio Couto Pereira, que ficava ali perto, eles sofriam muito com os fogos de artifício e rojões lançados pelos torcedores fanáticos.

Também me lembro com carinho, embora com um pouco de tristeza, dos gatos que cuidávamos. Todos eles foram jogados por desconhecidos, quando filhotes, por cima do muro para dentro do terreno do consulado. Depois de serem acolhidos por nós, tratados e bem alimentados, eles mantiveram uma considerável liberdade para circular pela área. O muro que cercava a propriedade do consulado não representava nenhum obstáculo para eles. Portanto, suas vidas, embora prósperas e felizes, foram curtas. Uma linda gata mestiça da Pérsia, Ciri, foi cuidada pela família de um dos vice-cônsules. Conforme crescia, sua pelagem exuberante em tons de cinza e branco e seu temperamento doce conquistavam a admiração de todos. Ela era a miss indiscutível do bairro Alto da Glória.

Infelizmente, ela nunca retornou de uma de suas escapadas noturnas. Não sabemos se ela foi roubada ou se morreu. A verdadeira querida do cônsul era a frajola Mincia. Ela costumava me acompanhar ao trabalho por horas, deitada pacientemente no meu colo enquanto eu escrevia relatórios e resumos depois do expediente. Seus olhos sábios eram uma inspiração. Certa manhã, ouvi-a miando do outro lado do muro, onde chegou rastejando

ferida, com inúmeras lesões internas, a coluna e as patas quebradas. O veterinário não conseguiu salvá-la.

O oposto de Mincia em temperamento era o ruivo Tutuś. Desde jovem, ele preferia ficar na sua e, ao contrário de outros gatos, não se importava com higiene. Por esse motivo, geralmente outras pessoas não gostavam dele. Para mim, no entanto, ele era um amigo brincalhão que confiava em mim e com quem eu me entendia sem palavras. Não deixei que o castrassem, porque não se castra um amigo. Isso foi politicamente incorreto. Conforme foi crescendo, e cresceu muito, ele se tornou o gato macho alfa. Os cães tinham medo dele, exceto Łysy, claro, mas ele também, diplomaticamente, se mantinha fora do caminho do Tutuś.

Ele sempre saía de casa ao entardecer e voltava por volta das 5 da manhã, sentava-se perto da janela do quarto e, com um único miado decisivo, me acordava e eu ia rapidamente abrir a porta e lhe dava comida. Ele sempre voltava ferido, sangrando por causa das garras dos outros gatos, mas claramente feliz, como se sorrindo por baixo dos bigodes, por seu domínio na vizinhança.

Depois de comer, ele pulava para cima do armário do vestibulo e dormia até o final da tarde. Não lambia os ferimentos, provavelmente acreditando que isso o tornava ainda mais assustador para seus rivais e mais atraente para as gatas. Um dia, enquanto eu caminhava pelo corredor, notei Tutuś olhando entediado para sua tigela no chão, onde dois ratos estavam comendo sua ração. Eu disse a ele: "Reaja, você tem um problema!" Quando o gato olhou para mim, li a resposta em seus olhos: "Você tem um problema, eu não caço ratos. Tenho outras prioridades!" Tive que espantar os ratos sozinho, e meu amigo felino nem sequer me incentivou; virou-se e foi dormir.

Tutuś viveu feliz por três intensos anos. Morreu em frente ao consulado, voltando de uma balada felina, atropelado por um ônibus. Em sua homenagem, minha gata atual se chama Tutusia.

Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em Economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polónia. Cônsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polónia no Panamá. Condecorações brasileiras: "Ordem do Pinheiro" do Estado do Paraná; "Cidadão Honorário" de Curitiba, Iriti/ PR, e Áurea/RS.

 HISTÓRIA DA ARTE

Esculturas de Felícia Leirner: Entre Arte e Natureza

A história da escultora Felícia Leirner é o relato de que é possível encontrar a própria vocação em diferentes etapas da vida. A sua trajetória dialoga com muitas outras narrativas que pesquisei durante a realização do projeto sobre artistas de origem judaico-polonesa no Brasil. São histórias de descontinuidade, perda e da necessidade de reconstrução — da vida, da carreira, de si mesma. No entanto, são também relatos sobre a busca por uma nova comunidade e, às vezes, como no caso de Felícia Leirner, de um sucesso espetacular. Não há dúvidas de que a sua produção escultórica marcou definitivamente a história da arte brasileira. É uma pena que ela seja tão pouco mencionada no contexto polonês.

Antes de vir para o Brasil, Felícia nunca havia pensado em se dedicar à escultura. Sua profissão não exigia

o árduo embate com a matéria — ela era, na verdade, cantora lírica, primeira-soprano, vinculada à Ópera de Varsóvia, a cidade onde ela nasceu em 1904 como Fayga Simcha Eichenbaum. Ainda em Varsóvia, durante um encontro literário, ela teria conhecido seu marido, Isai Leirner. Embora Isai nunca tenha se tornado artista, ele desempenhou um papel enorme na história da arte brasileira como mecenas e organizador da vida artística (como fundador de Galeria de Arte das Folhas em 1957, por exemplo). O crescimento do sentimento antissemita levou à decisão do casal de deixar a Europa. Em 1927, os jovens recém-casados decidiram cruzar o oceano e se estabelecer no Brasil. Isai viajou primeiro para preparar o terreno para a chegada de Felícia e a mãe dela. Como em muitas histórias de imigrantes poloneses,

 HISTÓRIA DA ARTE

o início não foi fácil. O casal enfrentou dificuldades financeiras e o desconhecimento do idioma. Com o tempo, no entanto, a empresa de Isai em indústria têxtil começou a gerar lucros significativos. A família Leirner tornou-se uma verdadeira família artística – dois de seus três filhos – Giselda e Nelson se tornaram artistas, e a neta de Felícia, Sheila, vai ser a famosa crítica de arte.

É justamente com a filha de Felícia, Giselda, que estão relacionados os primórdios de sua criação artística. Yolanda Mohalyi era uma pintora que visitava Giselda e lhe dava aulas de desenho. Felícia observava essas aulas — inicialmente a distância, para depois passar a participar delas. Assim nasceu a Felícia-artista. O passo seguinte foi a descoberta do meio adequado; graças ao contato com Elisabeth Nobiling, ela descobriu a argila e a cerâmica. Foi então que compreendeu que a linguagem da escultura lhe era muito mais próxima do que a pintura. Um dos aspectos mais surpreendentes da formação artística de Felícia é o seu aprendizado com o famoso escultor de origem italiana Victor Brecheret. Isso é ainda mais incomum pelo fato de que Brecheret não aceitava mulheres em seu ateliê. Aos 44 anos, Felícia inicia os estudos sob sua tutela. Uma das primeiras obras em que teria colaborado é o famoso, e hoje controverso, *Monumento às Bandeiras*, em São Paulo. Não se sabe ao certo, contudo, em que medida Felícia colaborou na execução do monumento.

Em seguida, sua carreira deslançou — em 1963, ela recebeu o prêmio de melhor escultora nacional na Bienal de São Paulo e, em 1965, foi organizada uma sala especial para

ela nessa mesma bienal. Um dos marcos mais importantes na carreira de Felícia Leirner foi a inauguração, em 1978, por iniciativa do então governador do Estado de São Paulo, Paulo Egydio Martins, do museu em Campos do Jordão inteiramente dedicado à sua obra. Esse museu é um lugar extraordinário, onde a natureza e a arte se fundem harmoniosamente. No Museu Felícia Leirner, é possível ver mais de 80 de suas esculturas belamente distribuídas ao ar livre, dialogando perfeitamente com a paisagem ao redor. Penso em como deve ter sido extraordinária essa experiência para Felícia — afinal, poucos artistas têm a oportunidade de trabalhar no seu próprio museu ainda em vida. O que é particularmente interessante é que parte das esculturas presentes no Museu foi criada especificamente para aquele espaço.

Frederico Moraes observou que a obra da artista pode ser dividida em várias fases estilístico-formais: figurativa, a caminho da abstração, abstrata, orgânica e recortes na paisagem. É evidente que Felícia tinha temas favoritos aos quais retornava com frequência — formas inspiradas na natureza (em especial os pássaros), a abstração geométrica e temas voltados às relações humanas, à família e à maternidade. Em sua produção, a maternidade e a fertilidade são compreendidas tanto de forma literal, nas esculturas de figuras maternas com filhos, quanto metafórica, como a fertilidade da própria natureza. Algumas das formas escultóricas de Felícia parecem brotar e se expandir. Na obra da artista, os elementos da realidade começam a se entrelaçar, perdendo suas fronteiras e moldando formas orgânicas indissociáveis.

A simplificação e a síntese da forma podem evocar associações com as esculturas de Constantin Brâncuși. Outra inspiração particularmente visível em seu trabalho foi o escultor britânico Henry Moore. Esse artista introduziu o conceito de 'forma negativa'. Em sua visão, o trabalho do escultor não é apenas o embate com a matéria, mas também o trabalho com o vazio. Ele entendia o vazio como um espaço escultórico significativo. Através do vazio é possível narrar algo — o que também se nota nas esculturas vazadas de Felícia, perpassadas por espaços vazios que, em alguns casos (como nas séries "Habitáculos"), parecem verdadeiras cascas, abrigos ou cavernas que nos convidam a entrar em seu interior.

As esculturas de seu período tardio, que podem ser vistas em Campos do Jordão, combinam de maneira extraordinária o peso do material, pois são feitas de cimento branco, com a leveza vazada da forma. Essas obras assemelham-se a janelas; sob essa perspectiva, suas esculturas tardias funcionam como molduras que enquadram a paisagem, convidando-nos a admirar a beleza da própria natureza.

A obra de Felícia Leirner marcou definitivamente a história da arte moderna brasileira, tendo ela conseguido criar uma linguagem escultórica única e singular. O Museu Felícia Leirner continua sendo um dos museus ao ar livre mais interessantes do mundo, e os concertos realizados no espaço do auditório fazem com que o local não apenas a arte e a natureza, mas também a música — ou seja, tudo aquilo que Felícia mais amava.

Referências:

Leirner Felícia; **Textos poéticos e aforismos**, organização J.Guinsburg e Sergio Kon, São Paulo: Perspectiva 2014.

Moraes Frederico, **Felícia Leirner: A Arte como Missão**, Editora Hamburg, 1991.

Souza, Fernando Oliveira Nunes de, **Isai Leirner: homem de negócios, homem das artes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-09032020-103736/>. Acesso em: 10 jul. 2026.

Agata COWAN-STRONCIWILK

Historiadora da arte vinculada ao Instituto de Estudos de Arte da Universidade da Silésia em Katowice (Polônia). Recebeu uma bolsa NAWA Polonista para a Universidade Federal do Paraná.



Escultura "Horizonte" (1982), em cimento branco. Museu Felícia Leirner, Campos do Jordão / SP. Foto: Da autora.

Afinidades entre os hinos da Itália e da Polônia

O Hino Nacional da Polônia evoca a Itália e o Hino Nacional da Itália evoca o povo polonês. Ambos têm o mesmo sentimento de luta pela liberdade.

O HINO ITALIANO

O Hino Nacional da Itália (denominado *Il Canto degli Italiani* - O Canto dos Italianos), é conhecido como *Inno di Mameli* (Hino de Mameli) ou *Fratelli d'Italia*. Foi criado durante o *Risorgimento*, período das lutas pela unificação italiana, que se tornou realidade em 1861.

A letra do Hino Italiano foi escrita em 1847 por Goffredo Mameli, um jovem estudante de 20 anos. A música é de Michele Novaro.

A canção se tornou popular entre os voluntários que lutavam pela independência (o Norte da Itália estava sob o domínio austro-húngaro; no texto está a expressão “águia da Áustria”) e a unificação dos diversos Reinos e Ducados que existiam e dividiam o território da Península em inúmeros Estados independentes.

Há inúmeras expressões ou simbologias na letra. A primeira estrofe já é uma síntese disso, ao nominar todos como irmãos: *Fratelli d'Italia* (irmãos da Itália). A alusão a Cipião, o Africano (que combateu e derrotou Aníbal e seu exército cartaginês), é um símbolo da herança gloriosa do passado e símbolo de coragem.

O Hino de Mameli só foi reconhecido após a instauração da República, após a Segunda Guerra Mundial. Em 12 de outubro de 1946, foi escolhido como hino nacional provisório, sendo oficialmente reconhecido em 2017.

A quinta estrofe do Hino Italiano indica a Áustria como o principal inimigo da causa italiana. A letra do Hino mostra que o sangue dos dois povos oprimidos, da Itália e da Polônia (“O sangue da Itália/O sangue polonês”), se transformou em veneno que dilacera o coração da águia negra dos Habsburgos (família imperial austríaca).

(...)

São juncos que dobram

As espadas vendidas

Já a águia da Áustria

As penas perdeu

O sangue da Itália

O sangue polonês

Bebeu com o cossaco

Mas o coração lhe queimou.

O HINO POLONÊS

Quando Napoleão Bonaparte invadiu a região da Lombardia (Itália), entre 1796 e 1797, procurou formar um exército poderoso para conquistar toda a região norte do país, sob o domínio do Império austro-húngaro; a responsabilidade coube ao general polonês Jan Henryk Dąbrowski (1755-1818).

Ele fundou as legiões polonesas na Itália, reunindo aproximadamente oito mil combatentes em Milão. O grupo militar passou a ser conhecido e chamado de “Legião de Dąbrowski”.

O desejo e a confiança de Dąbrowski, bem como de toda a legião polonesa na Itália, era de libertar a Polônia, que tinha sido invadida por russos, prussianos e austríacos – que em 1772, 1793 e 1795 dividiram o seu território e o dominaram até 1918.

Foi nesta circunstância histórica que surgiu uma canção simples, entoada pelas legiões polonesas e inicialmente conhecida como “a canção das legiões polonesas na Itália” (“Das terras italianas para a Polónia”).

Ela passou a ser chamada de “Mazurek Dąbrowskiego” em homenagem ao comandante daquelas legiões.

A letra do Hino Polonês foi escrita na Província de Emilia Romana, na Itália, entre 16 e 19 de julho de 1797, por Józef Wybicki (1747-1822), que era oficial das Legiões Polonesas, ativista político e também poeta.



General Jan Henryk Dąbrowski – Wódz Legionów Polskich we Włoszech – General Jan Henryk Dąbrowski e a Legião Polonesa na Itália (1797–1802), símbolo da união histórica e cultural que interliga os hinos italiano e polonês. Fonte: Domínio Público / Acervo Wikimedia Commons.

 MEMÓRIA

A música do Hino foi adaptada de uma melodia folclórica polonesa – “mazurka Podlaski” -, que animava um tipo de dança folclórica da região de Mazury, na Polônia.

A “Canção das Legiões” era uma canção bélica cantada com cada vez mais frequência, passando a ser uma canção de cunho nacional, até tornar-se e ser reconhecida como Hino Nacional Polonês, em 1831 (embora não como Hino oficial). Foi adotado oficialmente como Hino Nacional Polonês em 1926. Em 11 de março de 1980, um decreto do governo instituiu o Hino como Símbolo da Pátria.

A Polônia não desaparecerá

Enquanto nós vivermos.

*O que a prepotência estrangeira nos tirou
com a espada reconquistaremos.*

Marche, marche, Dąbrowski,

Das terras italianas para a Polônia,

Sob a tua liderança

Nos uniremos com a Nação.

Passaremos o Vístula, passaremos o Warta,

Seremos poloneses.

Bonaparte deu-nos o exemplo

De como devemos vencer.

(...)

Iraci J. MARIN

Revisão de Wilson RODYCZ

Stefan "Grot" Rowecki: O Mentor da Resistência Polonesa na Segunda Guerra Mundial



Stefan "Grot" Rowecki. Fonte: <https://warsawinstitute.org/alone-entire-world/>

A Segunda Guerra Mundial, com sua crueldade e devastação, também revelou histórias notáveis de coragem e resistência. Entre elas, destaca-se a trajetória de Stefan "Grot" Rowecki, um dos mais importantes líderes militares da Polônia e o arquiteto por trás do lendário Exército Subterrâneo Polonês, a Armia Krajowa. Sua vida é um testemunho da inabalável determinação de uma nação em face da tirania.

As Origens e a Formação de um Líder (Envolto em Tradições)

Nascido Stefan Paweł Rowecki em 25 de dezembro de 1895, na pequena cidade de Piotrków Trybunalski,

no então Império Russo (hoje Polônia), sua juventude foi marcada por um profundo senso de patriotismo em uma Polônia desmembrada. Desde cedo, Rowecki demonstrou aptidão e interesse por assuntos militares, uma paixão que o levaria a se juntar a organizações paramilitares pró-independência antes mesmo da Primeira Guerra Mundial.

Sua formação foi rigorosa e abrangente. Participou das Legiões Polonesas de Józef Piłsudski, lutando pela independência de seu país durante a Primeira Guerra Mundial.

Após a restauração da soberania polonesa em 1918, Rowecki ingressou no recém-formado Exército Polonês, onde rapidamente ascendeu na hierarquia. Sua carreira foi pontuada por diversas atuações notáveis, incluindo a Guerra Polono-Soviética de 1920, onde a Polônia defendeu com sucesso sua independência contra a ofensiva bolchevique. Ele se tornou um estrategista respeitado, conhecido por sua disciplina, inteligência e capacidade de liderança. O apelido "Grot" (ponta de flecha) viria a simbolizar sua natureza afiada e direcionada.

A Ascensão do Exército Subterrâneo Polonês

Quando a Alemanha nazista invadiu a Polônia em setembro de 1939, desencadeando a Segunda Guerra Mundial, o exército regular polonês foi rapidamente subjugado. Contudo, a nação não se rendeu. Em meio ao caos da ocupação e da posterior invasão soviética, a ideia de uma resistência organizada começou a germinar. Stefan Rowecki emergiu como a figura central na criação de uma força clandestina.

Inicialmente sob a organização "Służba Zwycięstwu Polski" (Serviço para a Vitória da Polônia), e depois "Związek Walki Zbrojnej" (União de Luta Armada),

 MEMÓRIA

a resistência polonesa foi centralizada e unificada sob a liderança de Rowecki. Em 1942, essa organização foi oficialmente renomeada como Armia Krajowa (AK) – o Exército Nacional.

Sob a direção de Rowecki, a Armia Krajowa tornou-se o maior e mais bem organizado movimento de resistência na Europa ocupada. Não era apenas um grupo de guerrilheiros; era o braço armado de um complexo "Estado Subterrâneo Polonês", que incluía um parlamento secreto, sistema judiciário, educação clandestina e até mesmo um sistema de correios. A AK realizava atos de sabotagem, coletava inteligência vital para os Aliados, organizava fugas e mantinha o espírito de resistência vivo entre a população. A visão estratégica de Rowecki permitiu que a AK mantivesse uma estrutura militar disciplinada e eficaz, mesmo operando sob a constante ameaça da Gestapo e da NKVD soviética.

As Traições e o Destino de um Herói

A eficácia da Armia Krajowa, no entanto, a tornou um alvo prioritário para as forças de ocupação alemãs. A Gestapo dedicou esforços

consideráveis para infiltrar e desmantelar a rede de resistência. Infelizmente, Rowecki, apesar de toda a sua cautela, foi vítima de traição. Agentes duplos, alguns infiltrados na própria AK, forneceram informações cruciais aos alemães.

Em 30 de junho de 1943, Stefan Rowecki foi capturado pela Gestapo em Varsóvia. Sua prisão foi um golpe devastador para a resistência. Ele foi levado para Berlim, onde foi interrogado pessoalmente por Heinrich Himmler, o chefe da SS. Himmler, impressionado com a capacidade de Rowecki, chegou a oferecer-lhe a oportunidade de liderar um exército polonês que lutaria ao lado da Alemanha contra a União Soviética. A recusa categórica de Rowecki em colaborar com os nazistas selou seu destino.

Ele foi então transferido para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde permaneceu preso em regime de isolamento. Após o início da Revolta de Varsóvia em agosto de 1944, Himmler, em um ato de retaliação e fúria, ordenou a execução de Rowecki. Stefan "Grot" Rowecki foi assassinado por volta de 2 de agosto de 1944, na câmara de extermínio de Sachsenhausen, aos 48 anos de idade.

Legado e Reconhecimento

A morte de Stefan "Grot" Rowecki foi um símbolo da brutalidade da guerra e da firmeza da resistência polonesa. Seu legado, no entanto, perdurou. Ele não foi apenas um estrategista militar; foi um símbolo de esperança e resiliência para seu povo. A Armia Krajowa, sob sua liderança e depois de sua morte, continuou a lutar bravamente, culminando na trágica e heroica Revolta de Varsóvia.

Após a guerra, o regime comunista na Polônia tentou apagar a memória de figuras como Rowecki, que representavam um ideal de Polônia independente. No entanto, com a queda do comunismo, a Polónia finalmente pôde honrar seus verdadeiros heróis. Hoje, Stefan "Grot" Rowecki é amplamente reconhecido como um herói nacional, uma figura central na luta pela liberdade e independência da Polónia, cujo sacrifício nunca será esquecido. Suas estratégias e sua coragem inspiram gerações a lutar por aquilo que é justo, mesmo nas circunstâncias mais sombrias.

Rafael De Nadai BACCHI

Administrador, Licenciado em Administração de Empresas, Licenciado em História e mestrando em educação pela FUNIBER. Autor dos livros: Guerra Cultural: Conceitos, vítimas e carrascos, 2019, e A Polónia Jamais Desaparecerá: A inacreditável história do Estado Secreto Polonês (2019 e 2024).

 ORPEG

Dom Quixote de Papanduva e a batalha contra os moinhos de vento: ou melhor, pelo pierogi!

O aniversário de Papanduva, em Santa Catarina, prometia ser tradicional: um pouco de caipirinha, o clássico rodeio crioulo, ruas lotadas e, como manda o figurino de uma cidade com fortes raízes polonesas, uma produção massiva de pastéis típicos. As cozinheiras locais passaram dias preparando tudo em um ritmo quase meditativo. O plano era perfeito, até que a ortografia resolveu entrar em campo.

A teimosia do prefeito vale mais que os dicionários

Na hora de registrar oficialmente o evento, surgiu uma barricada

linguística que quase causou uma crise diplomática. Houve uma intensa disputa sobre a grafia, mas o prefeito de Papanduva insistiu categoricamente na escrita "pirogue". Ele se manteve irredutível na defesa da tradição escrita consagrada em Papanduva, e nessa questão não houve santo que o fizesse mudar de ideia — nem santo, nem a diplomacia!

Para se ter uma ideia do drama, houve uma reunião tensa com o Cônsul da República da Polónia, cartas formais de repúdio enviadas por associação polonesa e até uma carta aberta dramática escrita por uma professora vinda diretamente

da Polónia. O assunto parou na Câmara de Vereadores, gerando debates calorosos, nos quais defensores da gramática e aliados do prefeito quase trocaram votos por causa de uma letra. Mas o prefeito decretou: se o povo sempre falou e escreveu assim, nenhuma autoridade de Varsóvia ou de Curitiba viria ditar as regras.

Por conta dessa postura obstinada, a festa acabou sendo realizada e registrada oficialmente com o nome de "Festa do Pirogue". Graças ao impacto e ao sucesso do evento, Papanduva foi declarada a Capital Estadual do Pirogue, e o prefeito consagrou-se como um verdadeiro



Moradoras de Papanduva mostram orgulhosamente os "pirogues". Foto: Da autora.

mestre na proteção da tradição local. Afinal, a tradição também é algo vivo: ela se constrói enquanto é praticada, transforma-se, adapta-se e, assim, permanece no tempo — mesmo que perca algumas letras pelo caminho.

Papanduva contra o resto do mundo

Essa rebelião linguística fica ainda mais divertida quando olhamos

para o mapa-múndi. Afinal, o prefeito bateu o pé mesmo sabendo que o restante do Brasil escreve "pierogi" à moda polonesa, acompanhando o mundo inteiro que adota essa grafia em diferentes idiomas por reconhecê-la como um termo internacional, tal como ocorre com "pizza" ou "sushi". Papanduva decidiu andar na contramão. Quem sabe, daqui a alguns anos, os turistas gringos cheguem a Santa Catarina achando que vão andar de canoa (já que

pirogue, em francês e inglês, significa exatamente isso: uma canoa indígena escavada em tronco)!

Um "Panem et Circenses" moderno

Apesar dos pesares ortográficos, o "pão e circo" (ou melhor, "pirogue e rodeio") de Papanduva foi um sucesso estrondoso. O público lotou as festividades e, além dos sabores clássicos, os pastéis com recheio de mirtilo foram a grande sensação — embora o público local tenha começado a prová-los com a cautela de um esquadrão antibombas, em minutos o estoque foi zerado.

O vinho romano deu lugar à cerveja, os gladiadores viraram peões de rodeio, mas o objetivo principal foi alcançado. O velho e bom pastel polonês uniu a todos ao redor da mesa. Mesmo que, para isso, ele tenha tido que se fantasiar com um traje de carnaval brasileiro onde se lê, orgulhosamente: *pirogue*!

Renata MATUSIAK

Filóloga polonesa, viajante e palestrante, viaja sozinha para regiões menos conhecidas do mundo. Publica em revistas de viagem e participa do programa "Obieźświat" na Rádio Opole. Enviada pelo ORPEG (Centro de Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior) para trabalhar com os descendentes de poloneses no Brasil.



A Polônia vista por viajantes franceses do século XVI

Alguns viajantes franceses estiveram na Polônia do século 16 e fizeram observações curiosas, que nos fazem pensar na antiguidade de certas tradições, na engenhosidade do povo polonês e em como valores culturais podem ser mantidos com o passar do tempo. Um viajante em 1585 se referiu aos vários povoados fortificados que encontrou perto de rios (burgos).

Relatou também sobre as pitorescas carroças polonesas, onde meninas de guirlandas vendiam seus produtos. A guirlanda já naquela época indicava uma menina que está solteira. O viajante francês se referiu a uma dessas moças polonesas, extremamente bela,

que lhe vendeu produtos como leite e ovos.

O viajante se comunicou em latim, visto que essa língua era muito difundida por causa da Igreja Católica. Os nobres poloneses ficavam em suas casas no campo, que eram protegidos pela lei, devido às frequentes revoltas camponesas, o já conhecido inconformismo cultural polonês. Boa parte do território polonês era coberto por florestas, as casas eram feitas em sua maioria de madeira encaixada, sendo o mel muito cultivado. As pessoas são descritas como boas e simples, sendo muito receptivas com estrangeiros. Os burgos eram rodeados por fossos e paliçadas,

ou simplesmente muros de terra, com vários comerciantes estrangeiros vivendo nesses locais.

É destacado o grande número de castelos e palácios que cobriam o território polonês, além de grande número de sepulturas de ladrões de camponeses. A cidade de Cracóvia era considerada uma metrópole para os franceses da época, era fortificada e cercada de muralhas e fossos descritos como fazendo parte de uma antiga tradição arquitetônica, sendo uma cidade com belas casas e edifícios.

Perto de Cracóvia funcionava a famosa mina de Wieliczka, que dava muito lucro ao rei polonês. É destacada com entusiasmo

UNI & VERSA

a engenhosidade do “elevador” que levava centenas de homens para as profundezas escuras da mina, utilizando-se de cavalos. Nessa mina trabalhavam cerca de mil homens, ganhando um minguado salário, sendo que esse mesmo trabalho já foi feito por homens condenados à morte em um passado distante. Nessa mesma mina foram observados condutos de água doce que não se salgava, naquela mina de onde provinha o sal de toda a Polônia e de reinos vizinhos em seus dias de glória.

Em 1597 outro viajante francês fez menção de praticamente tudo que o anterior também relatou. Deu destaque também ao monte Wawel, onde vivia um dragão cujo rugido pode ter originado o nome “Cracóvia”. Existia em Cracóvia uma área chamada de “bairro judeu”, mais tarde Kazimierz, acrescentando que em toda a cristandade esse era o lugar onde os judeus gozavam de maior liberdade.

O povo polonês bebia muito cerveja com mel e as principais cidades depois de Cracóvia na época eram Posnânia, Calisia, Siradia,



Imagem do Castelo Real em Varsóvia, realizada por viajantes franceses.

Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France.

Vladislavia, Breslávia, Rava-Ruska e Dalvinia, todas em sua maioria com construções de madeira.

A cultura polonesa, como podemos ver, mantém uma constância cultural que embasa boa parte do nacionalismo polonês contemporâneo.

Rudnei CAMPRA

Mestre em História Social, UEL.

Participa do Grupo de Estudos Poloneses da UFPR.

Fonte:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8406505>

FUNDAÇÃO JOSÉ WALENDOWSKY

17º Evento Cultural Polonês de Brusque



Cartaz do evento. Acervo FJW.

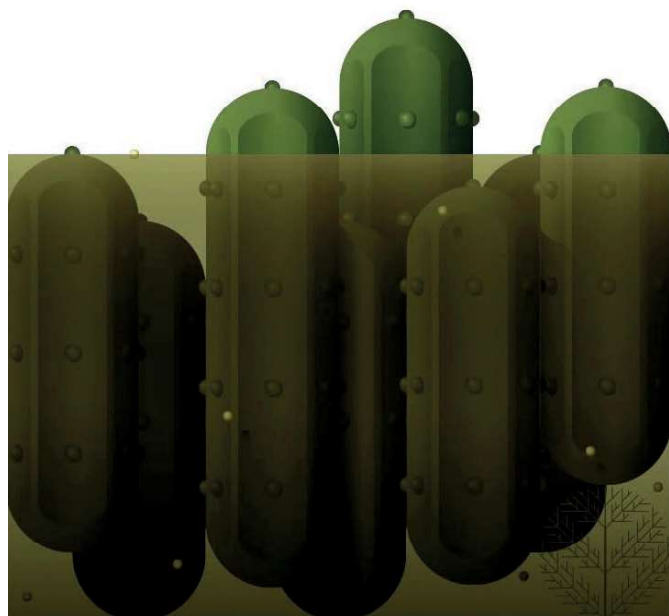
Nos dias 22 e 23 de agosto, Brusque, cidade que foi o berço da Imigração Polonesa no Brasil, realizou o 17º Evento Cultural Polonês, organizado pela Fundação José Walendowsky, que neste ano mudou de endereço. O evento foi realizado na Capela Santa Luzia, no Bairro homônimo, que foi fundado em 1872, por Inácio Imianowsky, descendente de poloneses. Aliás, o Bairro Santa Luzia é o que concentra o maior número de famílias de descendentes de poloneses em Brusque. A Capela Santa Luzia, que todos os anos celebra uma Missa em honra a Nossa Senhora de Czestochowa, abriga um quadro da mesma, vindo da Polônia. No Salão Paroquial, também há um quadro vindo da Polônia, da Orzel Biały. O evento teve início no dia 22 de agosto, no Instituto Aldo Krieger com a apresentação do Coral

Polonês Nossa Senhora Auxiliadora, da cidade de Massaranduba. No domingo prosseguiu com a Missa em Ação de Graças em honra a Nossa Senhora de Czestochowa, com a participação do Coral do Grupo Folclórico Polonês Karolinka, de São Matheus do Sul/PR. Em seguida houve uma extensa programação cultural com os Grupos Folclóricos Hercilio Malinowsky, de São Bento do Sul/SC e Wisla, de Curitiba, acompanhada de muita música polonesa com a Banda Rodanica, Liriane Alonso e Banda e Orzel Orkiestra. No local o público encontrou um completo serviço de bar e cozinha, onde pode degustar os pratos típicos poloneses. Mais uma vez a festa, que se repete há 17 anos, foi um enorme sucesso.

Nilton PROENÇA

Assessor de Comunicação da Fundação José Walendowsky.

Ogórki Kiszzone: a receita da vovó



Pepinos azedos. Ilustração de André Brik.

O ogórek kiszony, o tradicional pepino azedo polonês, é um dos sabores mais emblemáticos da cozinha da Polônia. Presente há gerações nas mesas familiares, ele nasceu da necessidade de conservar os alimentos durante os longos invernos e tornou-se um verdadeiro símbolo da tradição culinária do país.

Preparado de forma simples, com pepinos frescos, água, sal, alho e endro, o ogórek kiszony desenvolve seu sabor característico por meio da fermentação natural. O resultado é um pepino crocante, levemente ácido e extremamente refrescante, muito diferente dos picles conservados em vinagre.

Além de seu sabor marcante, os pepinos fermentados são apreciados por suas qualidades nutricionais. Baixos em calorias e com alto teor de água, contribuem para uma alimentação leve e equilibrada. Também fornecem fibras, vitaminas e minerais, enquanto a fermentação natural favorece o desenvolvimento de bactérias benéficas que auxiliam a saúde digestiva.

Consumido como acompanhamento, aperitivo ou ingrediente de pratos tradicionais, o ogórek kiszony continua a ser preparado da mesma forma que há décadas, preservando um saber culinário transmitido de geração em geração. Esta receita simples convida você a descobrir um dos mais autênticos tesouros da gastronomia polonesa, onde simplicidade, tradição e sabor se encontram em perfeita harmonia.

Pepinos azedos na salmoura (Ogórki Kiszzone):
Rendimento: 4 potes de vidro de 1 litro

Ingredientes

2 kg de pepinos frescos pequenos
2 cabeças pequenas de alho
1 maço de endro
10 cm de raiz-forte, cortada em tiras
2 litros de água
4 colheres (sopa) rasas de sal grosso
Opcional: folhas de raiz-forte ou videira (uva)

Modo de preparo

1. Lave bem os pepinos, o endro, a raiz-forte e as folhas. Separe os dentes de alho, sem descascá-los.
2. Esterilize quatro potes de 1 litro e suas tampas.
3. Distribua no fundo de cada pote um pouco de endro, alho, raiz-forte e algumas folhas. Arrume os pepinos na vertical, preenchendo os potes o mais firmemente possível.
4. Ferva a água, adicione o sal e misture até dissolver completamente.
5. Despeje a salmoura sobre os pepinos até cobri-los totalmente. Feche bem os potes.
6. Deixe os potes em temperatura ambiente (cerca de 20 °C) por 3 dias para iniciar a fermentação.
7. Em seguida, transfira-os para um local fresco, como despensa ou adega. Os pepinos estarão prontos para consumo após 2 a 3 semanas.

Observações

Durante os primeiros dias é normal que a fermentação produza bolhas e que um pouco de salmoura escape dos potes.

Não abra os potes durante a fermentação.

Para manter os pepinos crocantes e bem conservados, armazene-os em local fresco após os três primeiros dias.

A salmoura pode ser utilizada quente ou fria, com bons resultados.

* Dica: no TAK! 41 publicamos a receita da tradicional “zupa ogórkowa” feita com pepinos azedos na salmoura. Experimente!

Smacznego!

A Cozinheira Polonesa do TAK!